



4º Congresso de Responsabilidade Socioambiental da FSG

<http://ojs.fsg.br/index.php/rpsic/index>



IMPACTO DA PANDEMIA NOS CUSTOS E INVESTIMENTOS DE PRODUTORES AGRÍCOLAS DA SERRA GAÚCHA

Danrlei Mallabarba^a, Melissa Mazzotti Salvador^a, Roberta Galiotto Salvador^a, Catherine Chiappin Dutra^{a*}

a) Curso de Ciências Contábeis, Centro Universitário da Serra Gaúcha, Caxias do Sul, RS.

Informações de Submissão

*M^a. Catherine Chiappin Dutra
Endereço: Rua Os Dezoito do Forte, 2366.
Caxias do Sul – RS.
CEP: 95020-472.
E-mail: catherine.chiappin@fsg.edu.br

Palavras-chave:

Produtor rural. Pandemia. Serra Gaúcha.
Investimentos.

Resumo

O período pandêmico trouxe além de incertezas para a maioria das pessoas, alterações de forma significativa para os produtores rurais. Sendo assim, o presente estudo possui como problemática reconhecer de que forma a pandemia afetou o setor do agronegócio na região da Serra Gaúcha. Os objetivos foram descrever a atuação de produtores de alimentos agrícolas, analisar a queda de vendas e enumerar as estratégias criadas pelos produtores para se adaptar ao período de crise econômica e pandêmica. A pesquisa é de caráter exploratória e se caracterizou por meio do método qualitativo. Buscou-se entrevistar 23 produtores de cinco cidades da Serra Gaúcha. As entrevistas auxiliaram a visualizar o contraste do impacto sofrido entre culturas distintas e como cada produtor é afetado dependendo de seu comprador principal. Os resultados analisados trouxeram um cenário de incertezas e ao mesmo tempo esperança, pois alguns produtores pretendem investir mais na propriedade, na expectativa de uma melhora na situação econômico financeira, abrindo portas para investimentos.

1 INTRODUÇÃO

Uma rotina que passa despercebida por muitas pessoas, quando muitas ainda estão iniciando o dia. Muitos produtores agrícolas já estão com os produtos prontos para atender às necessidades que a população já está demandando ao nascer do dia. Necessidades essas que requerem tempo para que o ciclo dos produtos agrícolas se complete, onde os custos da propriedade sejam calculados de tal maneira que variáveis externas e internas não interfiram no desenvolvimento da propriedade, que haja dinheiro para comprar a semente e não falte até o produto ser vendido, e seu retorno seja reinvestido

para aumentar seus ganhos e ser cada vez mais competitivo em um mercado tão exigente como o de hoje.

Com o passar dos anos, novas tecnologias estão sendo lançadas para que este setor não pare de crescer, e seja cada vez mais rentável, trazendo mais conforto para os produtores e mais qualidade para o consumidor final. Apesar do avanço no agronegócio, este ano está sendo atípico, visto que não foi possível prever algo que fizesse com que a economia global sentisse tanto como está acontecendo com a pandemia do Covid-19. Por consequência, os produtores também sofreram grande impacto, em que os investimentos em safras plantadas com antecedência para suprir a demanda deste ano, agora podem trazer impactos não esperados e calculados anteriormente.

A relevância do tema para a sociedade se dá pelo Rio Grande do Sul ser o 3º na produção de grãos, 4º de maior receita na pecuária e nas exportações do agro, em relação ao valor bruto da produção a agropecuária ele se encontra em 5º lugar no ranking brasileiro, segundo a Radiografia da Agropecuária Gaúcha (2019). Dessa forma, impactos adversos devem ter uma atenção especial, pois o faturamento do agronegócio, tanto na receita do estado como do país, podem ser afetados e trazer impactos inesperados.

O período da pandemia dificultou e trouxe uma expressiva regressão no crescimento econômico do país. Devido a isso, o presente artigo busca analisar os impactos da pandemia, mais especificamente para o setor do agronegócio, bem como na parte dos custos e investimentos, por meio de uma pesquisa qualitativa e exploratória. A pesquisa será desenvolvida por meio de um questionário elaborado pelos autores, para levantar dados sobre os resultados das vendas, aumentos de preços dos insumos, investimentos se teve ou foram adiados, se houve estratégias para amenizar as perdas, com o objetivo de analisar como os impactos foram sentidos em diferentes culturas e cidades, como cada produtor é afetado, levando em consideração para onde é vendido seu produto. A metodologia será de forma exploratória sendo de natureza qualitativa, buscando dados de uma forma fidedigna, para ser analisada as respostas e assim podendo ver os possíveis impactos econômicos nesse setor.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em âmbito rural, é necessário um controle rigoroso para que o alimento saia do plantio para feiras, mercados e até mesmo exportações. É importante para o agricultor reconhecer quais são os gastos com a plantação, prever uma margem de segurança para possíveis imprevistos e calcular o

retorno sobre o negócio. O referencial teórico propõe conceitos da contabilidade rural, custos, despesas e investimentos do setor agrícola.

2.1 Contexto Rural

Ao citar o produtor rural, deve-se ter em mente algumas diferenciações, como o tamanho da área trabalhada, tipos de culturas empregadas na mesma e os fins dos processos - se a finalidade será para comercialização ou industrialização. Na atividade rural, considera-se as unidades de produção que são levadas em conta a finalidade da produção, que podem ser elas criação de gado ou culturas florestais formando as empresas rurais. As empresas rurais podem ser familiares ou patronais, integrando os fatores de produção: a terra, o capital e o trabalho. (ARRUDA; SANTOS, 2017).

Arruda e Santos (2017) e Marion (2020) esclarecem a diferença entre os tipos de produtores, considerando seu modo de trabalho. O produtor familiar é aquele que utiliza apenas de esforços da família para o trabalho e com a sua renda vinda apenas das atividades rurais. Já o pequeno produtor rural, ou micro produtor, é aquele com posse de uma área de até 4 módulos, frequentemente com seu trabalho feito pela família e eventualmente a participação de terceiros para o auxílio do mesmo. O pequeno produtor rural tem sua finalidade visando benefícios da lei como Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), Seguro da Agricultura da Família (SEAF) e Garantia da Safra. Marion (2020) complementa que o produtor se torna empresário rural a partir do momento em que faz parte da junta comercial; do contrário, considera-se produtor rural autônomo.

2.2 Gestão de propriedades agrícolas

De acordo com o Censo Agropecuário de 2017 (p.97), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem 15.036.978 pessoas que trabalham em propriedades rurais, sendo que 10.958.787 pessoas possuem algum parentesco familiar com o produtor. Essa informação fomenta a necessidade de apoio à agricultura familiar, pois é a forma de gestão que prevalece no Brasil.

Em 1995, foi criado pelo Governo Federal o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Segundo o Manual de Crédito Rural (MCR) (2020), disponibilizado pelo Banco Central do Brasil, o Pronaf é citado como um programa para estimular a renda e melhorar

a mão de obra familiar através de financiamentos. Esses financiamentos podem auxiliar da forma que o produtor optar por investir na propriedade, seja adquirindo maquinário ou implementação de novos sistemas tecnológicos. A iniciativa do Governo Federal influencia no melhoramento da produção agrícola brasileira, já que grande percentual das propriedades agrícolas são geridas pelo núcleo familiar e muitos podem usufruir do benefício.

2.3 Contabilidade Rural

Para Crepaldi (2019, p. 83), “o conceito da contabilidade rural é a metodologia especialmente concebida para captar, registrar, resumir e interpretar os fenômenos que afetam as situações patrimoniais, financeiras e econômicas de qualquer empresa rural”. Em suma, a contabilidade rural oferece um rumo ao produtor e traz segurança de informação, sendo um apoio à tomada de decisão. Apesar dos benefícios, muitos produtores não utilizam da contabilidade rural pelo conservadorismo e pela forma de como sempre foi feito. (CREPALDI, 2019).

Na contabilidade rural, a apuração do exercício não é feita da mesma forma que na contabilidade financeira. Por se tratar de um trabalho sazonal, a receita é apurada logo após a colheita da plantação. Dessa forma, se a colheita é realizada no primeiro trimestre do ano, não há necessidade de aguardar até o final do exercício social (31/12) para realizar o encerramento. (MARION, 2020).

Caso o produtor trabalhe com diferentes culturas em que o período sazonal de colheita é diferente entre si, é indicado fixar o período do ano de apuramento com base na cultura que traga maior impacto econômico para a atividade agrícola. Crepaldi (2019) corrobora com a ideia que o ano agrícola é integrado através das fases de plantação, colheita e comercialização da safra agrícola. Suas receitas de comercialização são contabilizadas na conta Caixa (encaixe) ou então em Duplicatas a receber, caso o pagamento seja a prazo. A receita aumenta o ativo, mas nem tudo o que aumenta o ativo é receita. Pode ser incluso no ativo máquinas e empréstimos ao agricultor, por exemplo. (SANTOS; MARION; SEGATTI, 2012)

Os relatórios de apoio à contabilidade rural seguem o padrão com base em solicitações legais e fiscais: o balanço patrimonial e a demonstração de resultado do exercício (DRE) são ferramentas que informam qual a situação do produtor em relação a seus ativos e passivos do agronegócio. Os ativos englobam os bens e direitos da empresa - o que o proprietário possui - e os passivos estão ligados às obrigações do produtor, o que ele deve, além do patrimônio líquido. O conjunto de ativos,

passivos e patrimônio líquido formam o balanço patrimonial, que pode ser alterado conforme as alterações dos conjuntos das contas. (PADOVEZE, 2018).

Para a contabilidade rural, alguns itens que fazem parte do ativo são mercadorias que já foram produzidas, dinheiro em espécie ou em instituições financeiras, estoque de grãos ou animais para engorda, títulos a receber, maquinário e ferramentas utilizadas para produção e venda. Já os passivos envolvem contas a pagar em empresas de abastecimento rural como ração e insumos de produção, empréstimos e imposto de renda a pagar. (KAY; EDWARD, DUFFY, 2014).

2.4 Custos

Quando se refere a custos no meio agrícola, ele também pode ser classificado como gasto, nomenclatura utilizada para englobar custos e despesas - todos tipos de sacrifícios financeiros, sejam eles para aquisição de bens tangíveis ou intangíveis. Para que os produtos se tornem custos, devem sair da estocagem para a produção, sendo eles matéria-prima, sementes, fertilizante, energia elétrica, pneus, óleos lubrificantes, entre outros insumos que são utilizados para a realização do serviço. (ARRUDA; SANTOS, 2017. MARTINS, 2018). Santos, Marion e Segatti (2012) complementam que entender o sistema de custos no agronegócio auxilia na valorização correta do estoque, para apurar resultados em cada cultivo. Em empresas agrícolas familiares, se não for feita a divisão de seus gastos para controle interno e externo, pode afetar os resultados obtidos para contabilidade rural. Crepaldi (2019, p. 120) atenta a um ponto importante:

Os insumos agrícolas adquiridos pela Empresa Rural, enquanto não utilizados na atividade rural, representam um *investimento* e estarão ativados em uma conta de Ativo Circulante; no momento em que são requisitados, é dada baixa na conta de Ativo e eles passam a ser considerados um *custo*, pois serão consumidos para produzir produtos agrícolas.

Além dos custos supracitados, Marion (2020) menciona o custo de armazenamento, envolvido no momento da colheita onde o produto está pronto para a venda, mas fica por um tempo no estoque esperando a venda ser efetuada, seja por baixa demanda de produto ou na espera do melhor momento para vendê-lo. Esse tempo de armazenagem muitas vezes é classificado como despesa de vendas e não como custo do produto.

2.4.1 Custos diretos e indiretos

Para Arruda e Santos (2017), são considerados custos diretos na agricultura ou pecuária aquilo que está relacionado para a produção desejada, juntamente a mão de obra e a depreciação dos equipamentos. Já os custos indiretos são aqueles incorporados ao produto, mas que são apresentados com uma forma de rateio ou uma estimativa. Marion (2014) destaca que os adiantamentos concedidos aos fornecedores ao propósito de pagamento por fornecimento de adubos, sementes e mudas é considerado como custos indiretos, como também a depreciação, pois para a preparação do solo são necessárias máquinas, que depreciam ao longo dos períodos.

Quadro 1: Separação de custos diretos e indiretos

CUSTOS DIRETOS	CUSTOS INDIRETOS
Insumos	Energia elétrica
Adubos	Aluguel de terras
Sementes	Manutenção
Mão de obra direta (empregado na produção)	Mão de obra indireta (engenheiro agrônomo)
Depreciação de equipamentos (utilizados diretamente na produção)	Depreciação de equipamentos (utilizados para outros fins além da produção)

Fonte: Elaborada pelos autores (2020).

Para saber qual gasto é direto ou indireto, é necessário conhecer o item e se é possível mensurar direto no produto final. O custo direto é aquele que possui uma unidade de medida de consumo para calcular, dessa forma, sementes são possíveis de medir a quantidade utilizada por produto, hora do produtor dedicada a cada produto e hora das máquinas utilizadas. Ao custo indireto, não é possível mensurar quanto é alocado para cada produto, sendo necessário utilizar rateio para descobrir qual o valor/tempo utilizado no produto final. (CREPALDI, 2019).

2.4.2 Custos fixos e variáveis

Os custos fixos são aqueles que não variam conforme a produção, eles podem sofrer alterações no seu valor por altas ou baixas de seus preços, mas eles sempre irão existir mesmo não havendo produção, como é o caso da depreciação de bens duráveis. Santos, Marion e Segatti (2012, p. 33), esclarecem que os custos fixos “geralmente são oriundos da posse de ativos e capacidade ou estado de prontidão para produzir. Por isso, também são conhecidos como custo de capacidade.”. Os

custos variáveis serão aqueles que se alteram com as oscilações da produção, quanto maior ou menor a produção, o mesmo se dará para o custo. (ARRUDA; SANTOS, 2017).

Quadro 2: Separação de custos fixos e variáveis

CUSTOS FIXOS	CUSTOS VARIÁVEIS
Depreciação de bens	Semente
Energia Elétrica	Insumos
Combustível	Adbos
Aluguel de terras	Mão de obra
Seguro de bens	Manutenção das máquinas

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

2.5 Despesas

São todos gastos não relacionados com a produção não podendo ser estocados em forma de matéria para futuro processamento, mas apropriados no período, podendo ser divididos. Crepaldi (2019, p. 117) define a característica das despesas na contabilidade rural:

Despesas são decréscimos nos benefícios econômicos durante o período contábil, sob a forma de saída de recursos ou redução de ativos ou assunção de passivos, que resultam em decréscimo do patrimônio líquido e que não estejam relacionados com distribuição aos detentores dos instrumentos patrimoniais.

Quadro 3: Reconhecimento das despesas e suas deduções

RECONHECIMENTO DA DESPESA	DEDUTÍVEIS
Gastos médicos	Quando fornece uma melhoria na condição de vida para o trabalhador.
Aluguel, uso e manutenção de veículos.	Quando utilizados a fins com a produção agrícola, podem ser descontados a manutenção e peças de reposição.
Aluguéis e arrendamento de veículos.	Não podem ser dedutíveis, mesmo que seja para a compra de insumos. Somente se for para o uso agrícola.
Prestação de serviço da atividade rural.	Para fins de dedução apenas aquelas relacionada ao produto final.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Toda despesa antes do lançamento contábil deve passar por uma criteriosa análise para saber a real classificação, pois qualquer procedimento que por menor que seja ele pode alterar a classificação e podendo ou não ser dedutível. (ARRUDA; SANTOS, 2017). Para Kay, Edward e Duffy (2014), as despesas também podem ser reconhecidas em dois grupos distintos: as despesas em caixa - como compra de ração, combustível para máquinas que não estão ligadas diretamente à produção, etc. – e as despesas não monetárias – como depreciação de máquinas, juros sobre financiamentos, etc.

2.6 Perdas

Na agricultura o resultado de uma safra depende muito da cultura, da época do que se produz, e por isso podem acontecer perdas extraordinárias e involuntárias, visto que, boa parte está relacionada do clima, por isso existem as perdas causadas por incêndios, geadas, inundação, granizo, tempestades, secas e outros fenômenos causados pela natureza, que são inesperados, assim afetando diretamente as projeções que o produtor estabelece para sua colheita. (MARION, 2014). Esses fatos podem ocasionar a perda parcial ou total da produção, seja ela em formação ou formada, mesmo que muitas vezes essas perdas tenham seguros que possam ser utilizados para amenizar essas tragédias. Esses eventos ocasionam uma diminuição no Ativo Não Circulante, sendo a perda do período alocada diretamente para o Resultado do Exercício e em seguida depois classificadas como Despesas Operacionais. (Marion, 2020). Complementa também que essas perdas não serão extraordinárias e classificadas como custo do produto.

2.7 Investimentos na agricultura

Segundo Crepaldi (2019, p. 120), investimento é um “gasto com bem ou serviço ativado em função de sua vida útil ou de benefícios atribuíveis a períodos futuros.”. Na agricultura, investimento pode ser um imóvel rural adquirido, bem como máquinas e equipamentos agrícolas utilizados para plantação de culturas, entregando um retorno ao produtor ao longo dos anos. Alguns produtos que auxiliam no melhoramento da cultura e aumentam as chances de retorno também podem ser considerados investimentos, como uma planta modificada, fertilizantes, corretivos de solo e vacinas (aos que trabalham com pecuária). (MARION, 2020).

O Brasil foi o primeiro país a destinar dinheiro para as tecnologias na agricultura, buscando também sistemas de produtividade de forma a serem adaptados ao clima tropical do país. (CHADDAD, 2017). Atualmente, o Governo Federal dispõe ao pequeno e médio produtor agrícola o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Segundo o Manual de Crédito Rural (2012, Resolução nº 4.107), “destina-se a estimular a geração de renda e melhorar o uso da mão de obra familiar, por meio do financiamento de atividades e serviços rurais agropecuários e não agropecuários desenvolvidos em estabelecimento rural ou em áreas comunitárias próximas”. A proposta é auxiliar nos investimentos na propriedade com juros baixos e longo prazo de pagamento, assim o produtor consegue obter retorno até quitar o crédito.

3 METODOLOGIA

Após a apresentação dos conceitos sobre o setor agrícola e características do mesmo na contabilidade, entende-se que o artigo é de caráter exploratório, sendo um estudo de casos múltiplos de natureza qualitativa, buscando as informações de uma forma fidedigna. Gil (2017) cita que a pesquisa exploratória traz a ideia dos autores se familiarizarem com o assunto, conhecendo e aprofundando os conhecimentos adquiridos durante a pesquisa. Cita também que se torna uma pesquisa flexível, devido à dificuldade em “rotular” o assunto estudado. (GIL, 2017).

O estudo de caso objetiva o aprofundamento no assunto, através de múltiplas fontes para coleta de dados, devido à profundidade que será aplicada a pesquisa. Gil (2017, p. 33) descreve que o estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos casos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. Nesse caso, o artigo é realizado através do estudo de casos múltiplos, focado em diversas propriedades rurais com diferentes culturas, proporcionando a análise qualitativa do assunto. Para colaborar, Gil (2017, p. 108) traz a tona o objetivo do estudo de caso múltiplos: “o que cabe é selecionar os casos de forma tal que prevejam resultados semelhantes. Ou que produzam resultados diferentes por alguma razão previsível.”

A proposta para coleta e análise de dados é através de entrevistas com diversos produtores rurais da Serra Gaúcha de dez culturas produzidas na região com pontos de venda diferentes, para que o grupo pudesse ver se há diferença entre as cidades, nos produtos e pontos de vendas. Segundo YIN (2016, p. 155), “Todas as entrevistas envolvem a interação entre um entrevistador e um participante (ou entrevistado). Entrevistas estruturadas roteirizam cuidadosamente essa interação.” A

entrevista tem por objetivo extrair informações sobre um problema ou assunto, além de compreender os fatos, conhecer as opiniões em relação aos dados e fatos, ou seja, a visão do entrevistado em relação ao assunto abordado. (MARCONI, LAKATOS, 2017). Os sujeitos participantes da pesquisa foram definidos pelos pesquisadores e selecionados pela escolha de julgamento ou intencional.

Em relação a abordagem qualitativa, Flick (2009, p. 40) argumenta que “o desenvolvimento de métodos qualitativos ocorreu em contexto de crítica aos métodos e as estratégias quantitativas de pesquisa”. O objetivo da pesquisa qualitativa é analisar experiências de indivíduos, observar e anotar as informações e investigar documentos, extraindo informações que agregam valor a pesquisa. Para isso, é necessário escolher os métodos e teorias adequadas, reconhecer diferentes perspectivas e pontos de vista, entender como as teorias de autores impactam no seu conhecimento e conhecer os métodos de abordagem. (FLICK, 2009).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Através deste artigo, buscou-se analisar os resultados nos custos e investimentos de produtores agrícolas no período pandêmico através de entrevistas para agricultores e produtores da Serra Gaúcha. A pesquisa foi aplicada em produtores das cidades de Carlos Barbosa, Garibaldi, Farroupilha, Nova Pádua e Nova Roma do Sul, entrevistando produtores de alface, alho, ameixa, batata comum e doce, cebola, leite, maçã, milho, pêra, pêssego, uva e agroindústria de suco de uva, criadores de frangos, porcos e gado de corte e também produtores de flores ornamentais.

Como forma de minimizar o contágio do vírus Covid-19, o isolamento social no Brasil teve início em março de 2020. Logo, entender para quem o produtor vende seus produtos impacta nos resultados das entrevistas: ao vender para o consumidor final, como mercados, CEASA, restaurantes, etc. o produtor é mais afetado. Aos que vendem para depósitos, vinícolas e exportação, o impacto pandêmico trouxe outros resultados.

Partindo da proposta inicial, a entrevista foi aplicada com 23 produtores rurais. As culturas produzidas variam de acordo com o levantamento realizado através do Censo Agro, disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além dos dados fornecidos pelo Censo Agro, os entrevistados foram selecionados de acordo com a afinidade dos autores.

Através das entrevistas realizadas, é possível analisar o reforço da produção e sucessão familiar, onde 23 entrevistados (100%) possuem a atuação na propriedade totalmente familiar, e

somente 2 entrevistados (8,6%) contratam também através de vínculo empregatício pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). A maioria dos entrevistados contrata para época de colheita/plantio de forma esporádica.

A relação entre o impacto da pandemia com o que o produtor cultivava também influencia no resultado dessa pesquisa. Àqueles que possuem culturas permanentes, como plantações de pêssego, maçã, uva, etc. não possuem o poder de escolha para plantar a cultura que mais lucrou no último ano - para que uma planta de cultura permanente comece a produzir frutos, são necessários de 3 a 5 anos, e o agricultor deve planejar seus lucros a longo prazo. Se em um ano houve prejuízo devido a fatores externos, dificilmente será encerrada a produção, e sim aguardar os resultados da próxima safra.

Aos que possuem cultura temporária, a tratativa é diferente. Se no período pandêmico houve uma alta da demanda e baixa oferta, o produtor será beneficiado com o preço de mercado, atraindo novos produtores para a próxima safra. Quando isso ocorre, o processo inverso se faz presente: existe uma alta oferta de produto e baixa demanda, ocasionando a queda dos preços. A diferença entre as culturas foi notória para que as respostas dos entrevistados fossem diferentes.

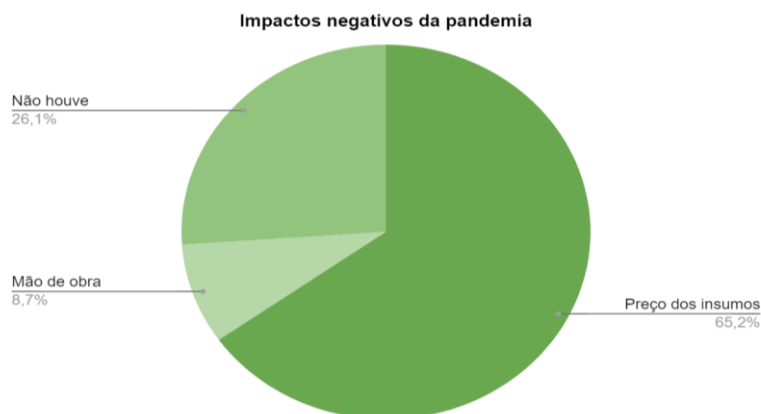
O alho, cultura produzida por 02 entrevistados, também sofreu impactos positivos. Segundo um dos entrevistados, o Brasil importa alho, o que desvaloriza o preço interno. No período de pandemia, houve uma queda de importação, trazendo uma demanda maior para o país e uma oferta baixa. Além disso, o segundo entrevistado cita que o preço da semente de alho aumentou consideravelmente ainda em junho, período de plantio.

A carne de frango possui forte exportação e no momento é considerada a mais barata. Assim, os pecuaristas relatam bons lucros, pois o momento da pandemia elevou o valor do dólar, como também elevou o preço da ração, no qual os criadores tiveram que optar por uma ração de grãos de menor valor, reduzindo custos. Apesar da alta dos insumos, o momento é muito favorável a este setor, no qual as empresas responsáveis pelos frangos incentivam o criador a investir em mais aviários para a engorda.

Conforme os relatos no gráfico 1, 15 entrevistados citaram que o fator mais negativo durante o período pandêmico foi o preço dos insumos e até mesmo a falta deles, desde agrotóxicos a ração para animais. Devido à escassez dos insumos no mercado, o preço subiu e elevou o custo da produção. É o caso do produtor de suco de uva, que mencionou a dificuldade de encontrar garrafas, rótulos e caixas, e quando encontrava, os preços já estavam elevados, não podendo repassar ao cliente no primeiro momento. 2 entrevistados (8,7%) citam a dificuldade em conseguir conciliar a mão de obra

com a período de isolamento, sendo esse o maior impacto. 6 entrevistados relatam que não houve impacto negativo, e para alguns a justificativa é que os insumos foram estocados e comprados antes do aumento.

Gráfico 1: Impactos negativos na pandemia.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nas entrevistas (2020).

Os produtores que mais sofreram impactos negativos com a pandemia foram os horticultores - produtores de hortaliças como alface. No gráfico 2, o gráfico representa quantos produtores tiveram excedente de produção - equivalente a 26,1% dos entrevistados - devido à queda de vendas. Um dos entrevistados cita que antes do período pandêmico, a venda era realizada exclusivamente a restaurantes da capital gaúcha, e ao iniciar o isolamento social, as vendas zeraram. A alface é uma hortaliça que não permite armazenagem por meses, o que ocasiona no descarte dos pés. 3 produtores - 13,0% dos entrevistados - não souberam informar se haverá excedente de produção, pois dependendo da cultura, a época de colheita será final de ano ou início de ano.

Gráfico 2: Percentual de produtores que tiveram excedente de produção.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nas entrevistas (2020).

Os planos para investimento em propriedades foram afetados para 50% dos produtores entrevistados, conforme visto no gráfico 3. Onze produtores planejavam investir na propriedade para aprimoramento, porém devido a pandemia os investimentos foram adiados para 2021. Os motivos de não manter o planejado foram a incerteza de como serão os próximos meses e ao aumento de preços, sendo cautelosos devido ao período vivenciado. 8 entrevistados (equivalente a 36,4% - não consta no gráfico) citaram que um dos fatores que poderão afetar a safra futura e que já afetaram no passado é a seca. Dessa forma, muitos procuraram por materiais de irrigação e não conseguiram encontrar esses insumos, e aos que encontravam, relataram um aumento de preços.

Em outra perspectiva, 21,7% entrevistados - 5 produtores - conseguiram realizar o planejado em investimentos. O investimento foi, em sua maioria, a ampliação de hectares para plantação - alho e maçã - ou investimentos em maquinário para auxiliar com os tratamentos e colheita, como o entrevistado que produz pêssego, investindo em câmaras para armazenar os frutos caso haja queda de consumo.

Gráfico 3: Percentual de produtores com planos de investimento na propriedade.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nas entrevistas (2020).

Pensando nos investimentos na propriedade, na entrevista foi questionado se o produtor possui auxílio do governo para apoio à compra de materiais, hectares, maquinário etc. Segundo demonstrado no gráfico 4, 16 produtores (69,6% dos entrevistados) não utilizam auxílio do Governo. Já 7 entrevistados (30,4%) citaram que possuem auxílio como Programa Nacional de Fortalecimento da

Agricultura Familiar (PRONAF) ou o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (PRONAMP).

Essa pergunta para os produtores rurais é ampla, pois existem programas que beneficiam este setor e ao mesmo tempo tornam-se complexos os processos para conseguir esse incentivo de forma instantânea, seja por causas climáticas ou devido a casos inesperados, como a pandemia do Covid-19. Outro ponto que foi possível notar é que receber incentivos do governo não fica claro para os produtores, tanto pela falta de informação por parte de quem está buscando quanto de quem está oferecendo o suporte. Em razão da incerteza, muitos produtores utilizam apenas recursos próprios. Algo que também foi discutido é que muitos sindicatos dos agricultores aconselharam não aceitar incentivos do governo agora para não impactar em benefícios futuros.

Gráfico 4: Propriedades que recebem auxílio do Governo.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nas entrevistas (2020).

Ao elaborar a pesquisa, uma das perguntas mais relevantes era ter analisado se a pandemia afetou negativamente ou positivamente os negócios de cada um dos entrevistados. De uma perspectiva ampla, é possível presumir que no período pandêmico houve uma alteração de rotina, as vendas podem ter baixado pelo fato do recesso mundial, ou ao menos era o que se esperava, mesmo tendo começado um ano de modo tão positivo como foi. Ao realizar as entrevistas, os resultados mostraram outro cenário, totalmente diferente do esperado.

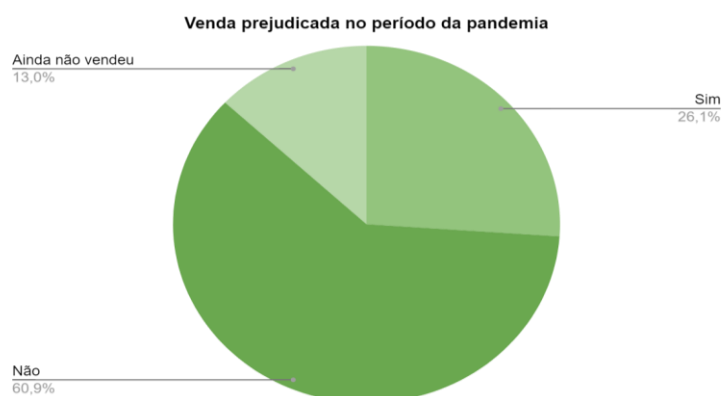
Conforme o gráfico 5, os produtores de leite, milho, batata, flores, carnes em geral, uva e vinho, que somaram 60,9% dos os produtores entrevistados, não tiveram impactos negativos em suas vendas, pelo contrário, conseguiram um aumento significativo nas vendas. Um dos fatores que justifica esse aumento pode ser o tempo que a população ficou em casa, consumindo mais produtos

por necessidade - como era o caso dos alimentos. Já a venda das flores foi notado um grande aumento, como as famílias permaneceram mais em seus lares viram a necessidade de deixar o ambiente mais agradável e alegre. Produtores de flores estimam que em quatro meses foi vendido o que era esperado vender em um ano, e já com a visão de boas vendas no mínimo para os próximos dois anos. Outro fator que contribuiu com as vendas dos produtos para o mercado externo foi a alta demanda dos alimentos pelo mercado mundial, e o real desvalorizado diante das outras moedas, o que impulsionou muitas vendas para fora do país pelos preços mais atrativos.

O cenário negativo das vendas ficou mais evidenciado em produtos com validade reduzida, como é o caso dos hortigranjeiros que chegaram a 26,1% dos nossos entrevistados. Esses números são justificados devido ao destino que é dado a produção, ou seja, seus principais compradores são restaurantes, lancherias, distribuidoras etc. que interromperam suas atividades por conta da pandemia. Outro agravante é a alta oferta do produto no mercado, ocasionando a baixa nos preços e fazendo com que o preço do CEASA - balizador de preço de produtos agrícolas - diminuísse também.

Quem planta por safras e ainda não colheu, que é o caso de 13% dos entrevistados, não souberam afirmar se a pandemia afetou ou não as vendas no período, o que será sentido nos próximos meses. Aos produtores que dependem do período de safra, na entrevista citaram que a pandemia pode não afetar tanto a produção quanto a expectativa do clima seco, que pode trazer prejuízos para o produtor. Os produtores de pêssego, maçã, uva, etc. que fazem parte dos 13% trazem alguns indicadores que podem favorecer sua safra, como o alto consumo das culturas no período pandêmico do produto interno. Nenhum dos entrevistados trabalha com exportação direta, mas sentem os impactos positivos e negativos conforme a oscilação do mercado externo.

Gráfico 5: Percentual de produtores que tiveram a venda prejudicada no período da pandemia.

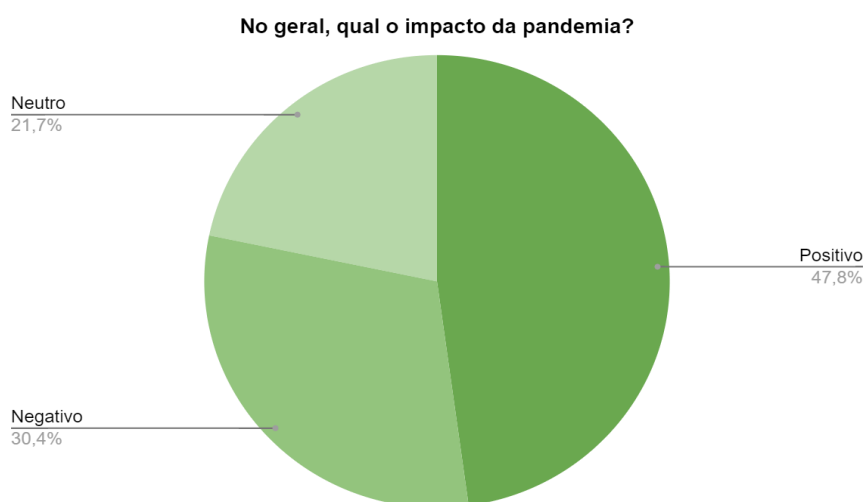


Fonte: Elaborado pelos autores com base nas entrevistas (2020).

Para 69,50% dos entrevistados, conforme analisado no gráfico 6, a pandemia pouco afetou ou afetou de forma positiva o desempenho na propriedade, e trouxe lucros aos agricultores. É o caso de produtores de uva (04 entrevistados), que têm uma expectativa boa para venda da fruta no período de colheita e entrega. Analisando os fatores que corroboram com o positivismo, as cantinas de Vinho e Suco da região tiveram uma alta demanda de seus produtos, e estarão dispostas a pagar por sua principal matéria prima para conseguir atender a demanda do mercado.

O impacto negativo foi percebido para produtos com prazos de validade curtos e que não foram tão demandados durante o período pandêmico. Esse impacto negativo que atingiu 30,4% dos entrevistados ainda deixa muitas incertezas, pois procuram um cenário de melhorias que ainda não é notado pela categoria. Muitos desses produtos têm uma baixa neste período do ano pelo fato do inverno não ser tão propício para o consumo destes alimentos. Um dos fatores que mais preocupa esses produtores é que haja uma segunda paralisação e que não consigam dar continuidade nas suas propriedades, pelo fato dos vários períodos negativos de vendas e por talvez investirem e não terem o retorno a tempo de sanar as dívidas adquiridas para que as propriedades tragam o retorno desejado.

Gráfico 6: Visão dos produtores em relação ao período pandêmico.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nas entrevistas (2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período de pandemia foi inesperado e trouxe consigo um momento de incertezas. A proposta do artigo era analisar o impacto da pandemia para produtores de alimentos agrícolas da região da Serra Gaúcha, setor esse que pode sofrer oscilações de consumo e, conseqüentemente, alterações nos custos e planejamentos de investimentos. O objetivo era analisar diferentes culturas para servir de conhecimento aos que sofreram impactos negativos com o desperdício e perda de produção, tanto aos que obtiveram um lucro pela alta demanda do mercado interno e externo.

A pesquisa foi realizada com base em uma entrevista estruturada, a fim de manter um roteiro e obter uma padronização para análise. A entrevista foi aplicada para 23 produtores de cinco cidades da Serra Gaúcha, abordando as culturas mais produzidas na região ou que sofreram um impacto visível. A análise qualitativa e específica dos dados permitiu a elaboração de gráficos para ilustrar melhor os percentuais diferentes de cada questão e suas respectivas respostas.

O resultado da entrevista foi eficaz conforme objetivo do grupo em reconhecer quais impactos a pandemia trouxe para os produtores rurais, trazendo um tom de surpresa com a positividade de alguns agricultores. Foi possível observar que os impactos são diferentes dependendo da cultura que é plantada, como foi o caso de produtores de uva, pêssego, maçã e frutas no geral: em plantação permanentes, a probabilidade de ter uma safra garantida é maior. Além disso, muitos entrevistados investiram em câmaras frias para manter a produção, auxiliando a conservar a fruta caso a produção não seja totalmente vendida.

Retomando as análises, o gráfico 5 mostra que 60,9% dos entrevistados não tiveram suas vendas prejudicadas no período da pandemia, e no gráfico 6 traz sinais de positivismo entre a maioria dos entrevistados. Apesar dos números indicarem um bom período para empresas, o gráfico 3 com os investimentos planejados para a propriedade mostrou uma realidade diferente: muitos produtores consideram a pandemia um período de altas vendas mas deixaram de investir o que era esperado para 2020. Um dos motivos que justifica os números é a incerteza de quando tudo irá se estabilizar e voltar à normalidade, para então fazer a tomada de decisão correta.

Ao que tange o desenvolvimento da pesquisa e sua análise, algumas limitações foram observadas pelo grupo, como a dificuldade de acesso aos entrevistados devido ao período de pandemia, evidenciando que seria necessário um controle de distanciamento e todos os cuidados de proteção. Uma das perguntas foi “Quais fatores positivos você identificou na sua propriedade no período de pandemia?”. Para surpresa do grupo, muitos entrevistados citaram que um dos fatores que

mais enriqueceu o período foi a união da família, pois familiares que trabalham na zona urbana e estavam com suspensão de contrato auxiliaram a família na produção.

O grupo sugere como proposta de estudo futuro uma análise contábil mais aprofundada nas propriedades rurais, implementando a contabilidade para os produtores utilizarem de forma correta e para tomada de decisões.

6 REFERÊNCIAS

ARRUDA, Leila Lucia; SANTOS, Celso José. **Contabilidade Rural** - 1ª ed. - Intersaberes, 2017. Disponível em <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/129837/pdf/0>> Acesso em: set/2020.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. MCR 684, de 6 de julho de 2020. **Crédito rural: Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)**. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/mcr/manual/09021771806f4fb0.pdf>> Acesso em: out/2020.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BRASIL. Decreto nº 9.064, de 31 de maio de 2017. **Diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e empreendimentos familiares rurais**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9064.htm> Acesso em out/2020.

Carlos, GIL, A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**, 6ª edição. Grupo GEN, 2017. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597012934>> Acesso em: nov/2020.

CHADDAD, Fábio. **Economia e Organização da Agricultura Brasileira** - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2017.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade Rural: uma abordagem decisional** - 9. ed. - São Paulo: Atlas, 2019. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597021639>> Acesso em: set/2020.

DEPARTAMENTO DE POLÍTICA AGRÍCOLA E DESENVOLVIMENTO RURAL. **Radiografia da Agropecuária Gaúcha 2019**. Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <<https://www.agricultura.rs.gov.br/secretaria-da-agricultura-apresenta-radiografia-da-agropecuaria-gaucha-2019>> Acesso em: out/2020.

FLICK, Uwe. **Introdução a Pesquisa Qualitativa** - 3ª ed. - Porto Alegre: Artmed, 2009. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536318523>> Acesso em: nov/2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2017**. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3093/agro_2017_resultados_preliminares.pdf>. Acesso em: set/2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tabela resultados definitivos Censo Agropecuário 2017**. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/21814-2017-censo-agropecuario.html?=&t=resultados>>. Acesso em: out/2020.

KAY, Ronald D.; EDWARDS, William M.; DUFFY, Patricia A. **Gestão de Propriedades Rurais**. Porto Alegre: AMGH, 2014. Disponível em:

<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788580553963>> Acesso em: out/2020.

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**. 8ª edição. Grupo GEN, 2017.

Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597013535>> Acesso em: nov/2020.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Rural** - 14ª ed. -São Paulo: Atlas, 2014. Disponível em:

<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522487622>> Acesso em: set/2020.

MARION, José Carlos. **Contabilidade rural: agrícola, pecuária e imposto de renda** - 15. ed. - São Paulo: Atlas, 2020. Disponível em:

<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597024210>> Acesso em: set/2020.

MARTINS, Eliseu; GELBCKE, Ernesto R; DOS SANTOS, Ariovaldo; IUDÍCIBUS, Sérgio. **Manual de Contabilidade Societária** - 2ª ed. -São Paulo: Atlas, 2010.

MEGLIORINI, Evandir. **Custos: Análise e gestão** – 2ª ed – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

PADOVEZE, Clóvis Luiz. **Manual de contabilidade básica: Contabilidade introdutória e intermediária** - 10. ed - São Paulo: Atlas, 2018. Disponível em:

<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597010091>> Acesso em: out/2020.

SANTOS, Gilberto José dos; MARION, José Carlos; SEGATTI, Sonia. **Administração de custos na agropecuária** - 4ª ed. – São Paulo: Grupo GEN, 2012. Disponível em:

<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522478552>>. Acesso em: out/2020.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016. Disponível em:

<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788584290833>> Acesso em nov/2020.